

**As representações das relações de gênero e a cultura do patriarcado em
Corisco e Dadá (1996)**

Dalila Carla dos Santos¹

Resumo: O cinema caracteriza-se como uma ferramenta de representação social, encaixando seus personagens nos modelos vigentes e afirmando a posição dos sujeitos na sociedade. O presente trabalho visa abordar a questão das relações de gênero e o patriarcado para compreender as representações do homem e da mulher presentes no filme *Corisco e Dadá* (1996).

Palavras-chave: Cinema brasileiro, relações de gênero, patriarcado.

Segundo Lia Zanotta (2000), gênero e patriarcado são “conceitos que se situam em dimensões distintas, e que, portanto, não podem ser tomados como opostos” (p. 2). Neste artigo, defendemos a idéia de que o patriarcado está inserido na constituição das identidades de gênero que circundam as relações entre as mesmas e

apesar das importantes críticas dirigidas às teóricas do patriarcado, é inegável sua contribuição para a construção do pensamento feminista, não só no sentido de trazer para a cena novos elementos de análise que possibilitaram às feministas socialistas avançar nos parâmetros da concepção materialista da opressão feminina, incorporando outras dimensões da vida humana e, posteriormente, na construção do conceito de gênero (COSTA, 1998, p.32).

O conceito de gênero surge para contrapor o determinismo biológico, evidenciando que a constituição de homens e mulheres acontece a partir de processos de construção e formação histórica, cultural e social, um saber. Para Joan Scott (1994) esse conhecimento é baseado na concepção de Foucault (1980) sobre o saber, algo relativo, colocado como resultado da combinação entre a cultura e a sociedade, gerando compreensão entre os seus participantes. O saber é algo que não está somente nas idéias, mas nas práticas e instituições e opera como modo de ordenar o mundo. Por via do

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo – PPGNEIM/UFBA, orientada pela Dr.^a Lindinalva Rubim. E-mail: dalicarter@gmail.com.



saber, do uso e das significações de gênero se produzem as relações de poder (dominação e subordinação).

A autora defende que o gênero é composto por via de quatro elementos: símbolos culturais; conceitos normativos; instituições/organizações sociais e a identidade subjetiva. Os símbolos culturais referem-se às construções de “modelos” representativos que orientam as condutas sociais, sempre enfocando os papéis divergentes.

Seguindo essa conduta, os conceitos normativos servem como utensílios para estabelecer os simbolismos alusivos aos papéis sexuais. As instituições/organizações sociais trabalham estes conceitos normativos e enraízam nos âmbitos sociais. E atrelado a tudo isso, a identidade subjetiva acrescentada como um fator para a construção do gênero dos indivíduos. Esta identidade é profundamente influenciada pelos elementos anteriormente apresentados.

Teorizando sobre gênero, Joan Scott aborda este conceito como ferramenta de poder, aliado às categorias de classe e raça. Esta dominação – exploração é inserida como elemento constitutivo das relações, facilmente apreendida e realizada pelos atores sociais.

O gênero é uma primeira maneira de dar significado às relações do poder. Seria melhor dizer: o gênero é um primeiro campo no seio do qual, ou por meio do qual o poder é articulado. O gênero não é o único campo, mas ele parece ter constituído um meio persistente e recorrente de dar eficácia à significação de poder no Ocidente, nas tradições judaico – cristãs e islâmicas (SCOTT, 1994, p. 16).

O entrelaçamento de gêneros na sociedade gera diversos tipos de relações, inclusive as relações de poder. Dentro desse contexto, Heleieth Saffioti (1992) estabelece três definições de poder oriundas dos pensamentos de Weber, Marx e Foucault. Para Weber (1964), o poder corresponde à imposição da vontade de um indivíduo ou grupo sobre outros. Já Marx (1952, 1963) enfatiza a distinção de classes como ferramenta de domínio. E, por último, a força do discurso na sociedade como elemento de injunção de poder é defendida por Foucault (1976).

Ambos os conceitos se inserem na questão relacional de gênero, pois verificamos a imposição de uma sociedade machista, dividida em classes que

inferiorizam as mulheres e que utilizam de um discurso dominante como veículo de disseminação de conceitos e controle do poder. Por conseguinte, “(...) as relações sociais de sexo ou as relações de gênero travam-se também no terreno do poder, onde têm lugar a exploração dos subordinados e a dominação dos exploradores, dominação e exploração sendo faces de um mesmo fenômeno” (SAFFIOTI, 1992, p. 185). Esses conceitos de poder e a relação dominador - dominado acabam gerando discursos incorporados ao imaginário coletivo, instituídos em todas as sociedades.

A escolha do gênero é articulada por via de conhecimentos adquiridos ao longo das experiências sociais, com influência dos elementos culturais. Além disso, a existência do Outro é de suprema importância nesta escolha. Sempre procuramos ser diferente, ser o que o outro não é.

Em outras palavras, cada ser humano escolhe seu gênero, lançando mão dos termos sociais disponíveis, gênero este que pode estar em uma cômica ou trágica oposição àquele a ele ou a ela atribuído por outros, já que todos os seres humanos são permanentemente constituídos por *outros* (SAFFIOTI, 1992, p. 188) [grifo da autora].

Com relação à identidade de gênero é possível entender que estas são plurais e estão em constante transformação. Para Guacira Louro (1997) enquanto a identidade de sexo se liga à identificação histórica e social dos sujeitos, que se reconhecem como femininos ou masculinos, a identidade de gênero pode ser caracterizada por instabilidade, tendo possibilidades de transformações. Dessa maneira, torna-se arriscado estabelecer um momento determinado para que a identidade de gênero seja “instalada” nos indivíduos.

O gênero não é um atravessamento que envolve apenas a família, a sexualidade ou as relações pessoais; ele envolve as instituições sociais e as relações mais amplas que se dão em todas as sociedades. Tal concepção implica-se na relação entre o público e o privado, entre relações de poder e relações interpessoais e ainda em toda a multiplicidade que tais aspectos carregam, pois, em um mesmo grupo social, encontramos diferentes relações de troca, diferentes arranjos familiares, diferentes formas de viver a sexualidade (ADELMAN, 2005, p. 105).

A família é o primeiro grupo social na vida de um indivíduo, inserindo os princípios básicos de convivência. A primeira noção de mundo é transmitida ao sujeito pelo núcleo familiar, carregada de influências sociais, econômicas, raciais vivenciadas e partilhadas ao longo dos anos. É neste âmbito que a figura patriarcal exerce o seu poder. O homem é o senhor e provedor do lar, tendo direitos sobre todos os membros que vivem sob o seu domínio, filhos (as) e esposa.

O patriarcado é um dos “modos de organização social ou de dominação social” (MACHADO, 2000, p. 3) ocorrido em diversos momentos da história e presente nos dias atuais. É uma construção complexa e intrínseca na sociedade, materializando-se em pequenas ações e gestos.

El patriarcado gravita sobre a institución de La familia. Ésta es simultaneamente, un espejo de La sociedad y un lazo de unión com Ella; em otras palabras constituye una unidad patriarcal dentro del conjunto del patriarcado. Al hacer de mediadora entre El individuo y La estructura social, la familia suple a las autoridades políticas o de outro tipo em aquellos campos em que resultou insuficiente El control ejucido por éstas (MILLET, 1975, p. 44).

Percebemos, portanto, que a família, ao longo da história, perpetuou a condição de inferioridade das mulheres, tendo a cultura papel primordial nesta colocação. Aliada ao determinismo biológico, a cultura inseriu no imaginário coletivo que as mulheres são incapazes de determinadas ações e pensamentos, devido à sua diferença em relação aos homens. Insere-se a ideologia dos papéis sexuais, encaixando mulheres e homens em determinados comportamentos condizentes com o seu sexo biológico.

Assim, o “natural” não é necessariamente um valor “humano”. A humanidade começou a superar a natureza. Não podemos mais justificar a conservação do sistema discriminatório de classes sexuais, sob o pretexto de que se originou na natureza. Parece que, exclusivamente por causas pragmáticas, nós precisamos na verdade, nos desfazer dele (FIRESTONE, 1976, p. 20).

A autora citada afirma que a manutenção do patriarcado é feita muitas vezes através da violência, quando as mulheres tentam emergir do sub-local onde foram agrupadas. Outra armadilha é o consentimento trabalhado por via do amor. Aqui, vamos encontrar os diversos casos de violência contra as mulheres, mas que são calados em nome do sentimento e da perpetuação da família. A imagem perante a sociedade conta muito nestes momentos: ter um bom casamento e mantê-lo, pois mulheres separadas ainda são vítimas de preconceito. Outro tipo de imagem que corrobora para a perpetuação das ações patriarcais são as representações midiáticas.

Projeções do patriarcado

Dentro do leque de produtos midiáticos, o cinema exerce fascínio e encantamento. A grande tela transporta as pessoas para outro mundo, mas ao mesmo

tempo, tenta apresentar as suas imagens e falas como reprodução da realidade. O cinema é uma ferramenta de representação social, encaixando seus personagens nos modelos vigentes e afirmando a posição de mulheres e homens no mundo.

De acordo com Denise Jodelet (2000) as representações sociais operam como artefato de expressão de um coletivo, são construções discursivas e simbólicas que já estão inseridas no imaginário dos sujeitos. No entanto, as representações sociais constituem papéis importantes na sociedade, pois através delas os indivíduos se agrupam e reproduzem o discurso defendido por cada uma delas. As referidas alocações auxiliam na condução dos indivíduos pertencentes a grupos sociais na convivência coletiva.

As representações sociais formam sistemas que tem por objetivo substituir as teorias espontâneas por versões com uma definição específica, definição esta compartilhada pelos membros de um grupo, que passa a incorporá-la no seu cotidiano. Às vezes, essas versões podem entrar em conflito com as de outros grupos, uma vez que elas são guia de ação e trocas cotidianas, por se tratar das funções e da dinâmica das representações. Elas são, portanto, fenômenos complexos sempre ativos e segundo na vida social (ALMEIDA e SANTOS, 2005, p. 42).

Outro fator significativo para a perpetuação das normas patriarcais na sociedade é a ausência de relatos da participação de mulheres nos acontecimentos históricos, colocando a história como uma ferramenta de poder. Dentro destas significações construídas ao longo da história sobre os papéis sexuais, a linguagem teve papel essencial. Enquanto sistema simbólico, essa serve como ferramenta para construir sentidos e organizar as relações, por via de representações de entrelaces sociais. Em seu texto “Prefácio a *Gender and Politics*” Joan Scott (1994) assegura que as representações históricas do passado ajudam a construir o gênero no presente.

As representações conscientes do masculino e do feminino não são imutáveis pois elas variam segundo os usos do contexto (...). Este tipo de interpretação torna problemáticas as categorias “homem” e “mulher” sugerindo que o masculino e o feminino não são características inerentes, mas construções subjetivas (ou fictícias) (SCOTT, 1990, p. 12).

As representações objetivam dar sentido a realidade, dentro de cada contexto histórico, social e cultural. A representação se mostra por via dos sistemas de signos e do que este sistema cria internamente nos indivíduos, a concepção de cada um sobre o real. Ela também incorpora a indeterminação e instabilidade da identidade. Assim, a representação não corresponde totalmente à realidade, mas a soma de um processo de linguagem e cultura.

Na realidade, a observação das representações sociais é algo natural em múltiplas ocasiões. Elas circulam nos discursos, são trazidas pelas palavras e veiculadas em mensagens imagens midiáticas, cristalizadas em condutas e organizações materiais e espaciais (JODELET, 2000, p. 18).

As relações de Gênero e o patriarcado em *Corisco e Dadá*

Escrito, produzido e dirigido por Rosemberg Cariry, *Corisco e Dadá* (1996) conta a história das personagens que intitulam o filme, dentro do movimento do cangaço. O contexto social é a década de trinta do século XX e o Nordeste brasileiro. Neste período, o Brasil estava sob a administração do presidente Getúlio Vargas, vivia-se o nacionalismo ideológico da Ação Integralista Brasileira (AIB), e no sertão nordestino explodia um movimento social entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX que combatia a Coluna Prestes. A prática do cangaço marcou um interessante momento da História do Brasil.

Nesse cenário, grupos de homens armados vagueavam pelos sertões, principalmente do Nordeste, buscando meios de sobrevivência, e o enfrentamento dos poderosos com o uso de suas armas e de sua coragem. O termo cangaceiro, em suas origens, faz referência ao termo “canga”, peça de madeira usualmente colocada nos muares e animas de transporte. Assim, a palavra cangaceiro, originalmente, faz uma alusão aos utensílios que os cangaceiros carregavam em seu corpo (ARRUDA e PILLETI, 1996).

Na narrativa fílmica, o encontro entre Corisco (Chico Dias) e Dadá (Dirá Paes) dá-se em meio a uma cobrança do cangaceiro ao pai da menina. Como pagamento da dívida de um suposto delato de Seu Vicente, pai de Dada, a uma volante (grupo de soldados que combatiam o movimento do cangaço) sobre o paradeiro de Lampião, Corisco leva a menina como prestação de contas. A condição da mulher enquanto objeto é retirada do contexto sexual, neste momento, para colocá-la como moeda de troca. E no caso, a mulher é um item de menor valor, pois o pai prefere ver sua filha “raptada” a pagar de outra maneira pela sua traição ao bando de cangaceiros.

A mãe de Dadá, Dona Maria, implora para que o marido não deixe que sua filha seja levada por Corisco, mas o pai não escuta o apelo da mulher. Instante em que percebemos a fragilidade das mulheres dentro do contexto familiar da trama. Mãe e

filha são subordinadas aos mandamentos do patriarca da família, sem questionar a razão pela qual essa decisão foi tomada pelo homem.

No Nordeste, o patriarcado era quem regia a sociedade no contexto histórico da narrativa do filme. Independente da classe social e da cor, as mulheres dessa região eram tratadas de maneira igualitária. Deviam obediência aos homens em qualquer instância social.

Mulheres ricas, mulheres pobres; cultas ou analfabetas; mulheres livres ou escravas no sertão. Não importa a categoria social: o feminino ultrapassa a barreira das classes. Ao nascerem são chamadas “mininu fêmea”. A elas certos comportamentos, posturas, atitudes e até pensamentos foram impostos [...]. (FALCI, 2002, p. 241) [grifo da autora].

Ainda menina, Dadá sofre violência sexual em sua primeira relação com Corisco. Durante muito tempo, a menina alimenta um sentimento de ódio pelo homem que lhe tirou do seio familiar e roubou-lhe a infância. Aos poucos, e com alguns carinhos e presentes, o cangaceiro começa a se aproximar de Dadá, criando um novo clima entre os dois. Corisco, por exemplo, agracia Dadá com uma arma, para que ela possa se defender dos perigos oferecidos pelo cangaço. A menina se encanta com o presente, mas nunca utiliza desta em momentos de conflitos.

Estudos feitos ao longo dos anos, por diversos pesquisadores, afirmam que nenhuma mulher foi para frente de combate durante as batalhas entre cangaceiros e volantes. Segundo Caroline Lima e Lamartine Lima² nenhuma cangaceira realizou sequer um disparo em todos os anos do movimento do cangaço. Dadá seria a única, no momento em que ela e Corisco foram cercados pelos soldados, quando o cangaço já estava extinto, a disparar tiros. Segundo Cláudio C. Novaes, “o sexo da violência no cangaço é o masculino, conforme a cultura patriarcal do nordeste brasileiro. Mas, Lampião introduziu a mulher no cangaço, passando ela a viver as mesmas experiências ativas e passivas da violência [...]” (NOVAES, 2007, p. 3).

A vida das mulheres no cangaço consistia em acompanhar seus maridos pelo sertão nordestino, sendo responsáveis pelos acampamentos e serviços domésticos realizados nestes espaços, demarcando bem a separação entre o público e o privado. Mesmo quando este privado está em um ambiente público, pois os (as) cangaceiros (as) viviam nas matas.

² Palestrantes do seminário “Cangaço: histórias e revivências”, realizado entre os dias 17 e 19 de junho de 2008 em Salvador – Bahia.

A entrada das mulheres no movimento do cangaço acontecia através do rapto das mesmas pelos cangaceiros. Os sequestros eram comuns no Nordeste na década de trinta. Os homens “carregavam” os jovens à contra gosto dos pais. Eram perseguidos pelas famílias, pois representavam uma vergonha para o patriarca ter uma filha raptada por um homem que não era de seu agrado (FALCI, 2002). No contexto do filme *Corisco e Dadá*, o crime se dá por outra via. No primeiro momento o pai consente a captura de sua filha, devido à dívida com o cangaceiro. Contudo, após a consumação do rapto o pai de Dadá comunica o fato a um coronel.

Um grupo de soldados segue em busca de Corisco, à mando de um Coronel conhecido do pai de Dadá. Destacamos, todavia, que, em alguns raptos cometidos pelos cangaceiros, as mulheres iam por vontade própria. Nesta conjuntura, “a fuga ou rapto podia significar idéias de liberdade, vontade própria [...]” (FALCI, 2002, p. 268). Segundo Lamartine Lima, não há relatos de mulheres que entraram no cangaço desacompanhadas de um homem. Fato retratado na película em estudo, a partir das seqüências de imagens que marcam o primeiro encontro entre Corisco e Dadá.

Na narrativa imagética, durante as gestações, Dadá se animava, acreditava que seu filho nasceria com saúde e seria entregue a algum coiteiro – pessoas que facilitavam a passagem e forneciam produtos e informações aos bandos de cangaceiros - para que pudesse crescer com segurança. Mas, como isso não aconteceu, ela foi perdendo um filho após o outro.

Esses acontecimentos vão edificando uma mulher mais rígida, que com o passar do tempo não se abala tanto com as desventuras que acontecem em sua vida. A análise da seqüência destas imagens evidencia uma preocupação da direção do filme em justificar a rigidez e a conduta dita “masculinizada” das mulheres nordestinas como fruto de uma ausência de sucesso na maternidade. Corroborando para a propagação da naturalização de determinados comportamentos das mulheres, como o de um ser sensível e compreensivo.

Na película *Corisco e Dadá*, observamos o extremo machismo no movimento do cangaço. No episódio da traição de Lúcia ao seu marido Zé Baiano, instala-se um clima de julgamento no bando. O capitão Virgulino (Chico Alves), resolve que o marido deve decidir sobre o destino de sua companheira. Maria Bonita (Denise Milfont), por sua vez, apóia a idéia de que Lúcia seja castigada fisicamente, para que sirva de exemplo. Além

disso, a cultura do “em briga de marido e mulher não se mete a colher” é quebrada, mas para valorizar a violência contra as mulheres. Esta repressão é o destino das mulheres do bando que cometem adultério.

A partir dessa constatação, notamos a influência da cultura patriarcal enraizada no comportamento também das mulheres. Pois estas foram “ensinadas” a pensarem dentro destes padrões machistas.

Outro fator que caracteriza o patriarcado reproduzido pelas mulheres do filme, é a maneira pela qual Dadá se referia aos seus bebês, mesmo ainda grávida. A personagem sempre fala da futura criança como se esta fosse do sexo masculino. Esse componente é presente até hoje, não apenas com as gestantes, que continuam chamando “os bebês”, mas na sociedade em geral. Todas as referências são feitas no masculino. Não existe uma cultura de se tratar um grupo social com termos masculinos e femininos.

(...) No caso da cultura de gênero, o termo “englobante” invariavelmente tem sido o masculino. Guardando as diferenças e dando um sentido heurístico a essa imagem presa-predador, poderíamos pensar que, nas sociedades ocidentais modernas, o masculino está no lugar do predador e o feminino no lugar da presa. Em uma cultura dualista, que pensa hegemonicamente o gênero a partir de pólos opostos, o masculino é universal, o feminino o particular. O masculino é a ausência do gênero (o englobamento da diferença no sujeito universal); o feminino é o gênero, o termo que marca a diferença, onde a particularidade aparece. (ADELMAN, 2005, p. 219) [grifo da autora].

Outra abordagem também é apresentada na película. A maior representação feminina do cangaço, Maria Bonita, apresenta uma postura firme, conselheira e companheira nas atitudes de seu marido. Durante a entrega da patente de capitão ao cangaceiro Lampião, por Padre Cícero na cidade de Juazeiro do Norte (CE), a esposa estava ao seu lado, desfrutando dos mesmos privilégios que o capitão Virgulino. Ao relatar o fato à comadre Dadá, Maria chega à conclusão de que: se seu marido é o governador do sertão, ela é a governadora. Neste momento, observamos uma tendência ficcional de uniformizar as relações entre os gêneros. Assim,

Importaria ainda nos determos sobre a maneira como o repertório dos audiovisuais retrata a experiência cotidiana de ambos os sexos, discutindo os modelos antigos do patriarcado e a emancipação feminina [...]. A ficcionalidade tem acionado efetivamente alguns dispositivos favoráveis a um relaxamento das tensões entre ambos gêneros e deste modo, implica numa politização dos afetos entre os parceiros. De maneira contundente, a ficção brasileira contribui para a desmontagem de ideologia e do comportamento machista, remetendo aos novos estilos de estrutura familiar, novas modalidades de tribalização, afetividade e sociabilidade (PAIVA, 2006, p.11).

A perspectiva patriarcal, onde o homem é senhor de todas as coisas, é um elemento forte em todo o filme *Corisco e Dadá*, contudo também iremos encontrar a participação da mulher em momentos importantes da vida de seus homens. Depois de sua reconciliação com Corisco e aceitação do seu papel de “esposa” do cangaceiro, por exemplo, Dadá sempre acompanha seu marido, colocando sua postura diante dos fatos. Em diversos momentos, a mesma controla as atitudes do cangaceiro, pois este se encontra atordoado após as mortes dos companheiros/as do bando de Lampião.

Após a morte de Lampião e Maria Bonita, restam apenas Corisco, Dadá e o seu pequeno grupo. Esses seguem pelo sertão tentando manter acesa a chama do cangaço. Nestas andanças, a volante do tenente Zé Rufino encontra os cangaceiros e acontece um combate. Corisco é atingido no braço e perde os movimentos do membro. Com o acontecimento, o cangaceiro decide parar com o movimento, mas não se entrega aos soldados. O casal segue pelo Nordeste levando com eles uma menina. Para que não sejam reconhecidos, os dois abandonam as antigas vestes de luta.

Em seguida, a pequena família encontra uma simples casa e se aloja. Um grupo de soldados da volante, que estavam em busca de Corisco, aparece no local e cerca o casebre. Os ex-cangaceiros saem do alojamento e encaram sua última batalha. A menina foge. Corisco é atingido com vários disparos e morre, Dadá leva um tiro na perna. Na cena, o tenente pega uma faca para cortar a cabeça de Corisco, como foi feito com os outros cangaceiros capturados pelas volantes. No mesmo instante, a mulher implora para que ele não cometa este ato. Então, o homem lhe entrega a faca e Dadá corta a parte da perna atingida pela bala.

Ao final da narrativa fílmica, avaliamos que esse encadeamento de ações compõe a transformação de uma menina ingênua e indefesa em uma mulher forte e determinada, motivada pelos acontecimentos presentes numa terra seca e árida, aludindo que a vida no cangaço ensinou Dadá a superar os destemperos da natureza e do destino e tornou-se um ícone nordestino. Os sonhos e as esperanças da menina são trocados em lembranças amargas e pesadas de serem carregadas.

No filme *Corisco e Dadá*, a mulher acompanha as ações do homem, articulando a dialética amor/dor na condição do papel feminino da donzela roubada da família, ou a mulher consciente da violência ao assumir a luta com o companheiro na mesma condição, ressaltando outra racionalidade do personagem, em contraponto ao paradoxo da razão “instintiva” que associa a violência ao homem, ou masculiniza a mulher (NOVAES, 2007, p. 4) [grifo do autor].

Considerações finais

As relações de gênero presentes no filme *Corisco e Dadá* nos apresentam variantes no comportamento das mulheres nordestinas. No seio familiar, a mulher é submissa às vontades do marido e do pai, obedecendo-o e seguindo as instruções dadas pelos homens, o patriarcado prevalece. Mas, observamos que durante a narrativa, alguns paradigmas são quebrados no contexto do movimento do cangaço. Dadá e Maria Bonita são apresentadas como mulheres destinadas à submissão aos homens, mas com a inserção delas no movimento descobrem outros conceitos e maneiras de relacionamentos entre homens e mulheres.

[...] a presença de novas formas de representar o feminino vem alterando o campo da produção e recepção cinematográfica. [...] As mudanças surgem do contexto da contestação cultural maior da visão masculinista da vida social que se inicia na década de 1970 e veiculam-se, mais especificamente, através da crítica cinematográfica feminista e da produção, geralmente fora do *mainstream*, de mulheres cineastas (ADELMAN, 2005, p. 224) [grifo da autora].

O machismo e o patriarcado da época continuam presentes, no rapto das mulheres, na violência aplicada as que cometiam adultério e a conservação delas nos acampamentos. Não era permitido, por exemplo, a elas combaterem as volantes de frente, através dessas atitudes percebemos a permanência do estereótipo da fragilidade atribuída às mulheres. A naturalização dos comportamentos ligados à estrutura biológica e as funções de homens e mulheres é inerente nesse discurso.

Assim, *Corisco e Dadá* apresenta um discurso que mescla antigo e moderno, no que diz respeito à relação entre os gêneros. Quebra a preleção uniformizada das mulheres submissas, mostrando que a condição feminina não é algo instaurado pela natureza, mas pelos indivíduos que constituem os conceitos estabelecidos pela sociedade e cultura, abordando uma questão tão discutida na atualidade através dos estudos de gênero.

Sugerimos também que os estudos sobre o patriarcado é de suma importância para entender o contexto político, histórico e social existente na época do movimento do cangaço e analisar a representação do mesmo no cinema nacional.

Referências

ADELMAM, M. Vozes, Olhares e o gênero do cinema. IN: FUNCK, Susana. B. ; WIDHOLZER, Nara (Orgs.). **Gênero em discursos da mídia**. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2005. p, 223-243.

ALMEIDA, L.M. e SANTOS, M. F. S. **Diálogos com a Teoria das representações**. Ed. Universitária da UFPE, 2005.

ARRUDA, J. J. A e PILETTI, N. **Toda a História – História geral e História do Brasil**. 5ª edição. São Paulo: Editora Ática, 1996, p. 301.

COSTA, A. A. A.. A construção do pensamento feminista sobre o “não poder” das mulheres. In: _____. **As donas no poder. Mulher e política na Bahia** –Salvador: Neim-UFBa – Assembléia Legislativa da Bahia. 1998, p. 19-46.

FALCI, M. K. Mulheres do sertão nordestino. In: PRIORE, M. Del (Org.). **História das mulheres do Brasil**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2002. P. 241-277.

FIRESTONE, S.. **A Dialética do Sexo**. Coleção Bolso, 1976. (Publicado originalmente em New York, por Bantam, 1970.), p.11 – 24.

HALL, S.. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

JODELET, D. **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

LOURO, G. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MACHADO, L. Z. **Perspectivas em confronto: relações de gênero ou patriarcado contemporâneo?** UnB, Departamento de Antropologia – DAN. (Série Antropologia)
Disponível em: <http://www.unb.br/ics/dan/Serie284empdf>

MILLET, K.. Teoria de la política sexual. **Política Sexual**. México, DF, 1975.
(Publicado originalmente em New York por Avon, em 1971).

NOVAES, C. C. Da certidão de óbito ao nascimento do mito: corisco e o cangaço na cenário cultural e cinematográfico do Brasil. In: III ENECULT, 2007, Salvador. **III ENECULT - Terceiro Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**. Salvador : CULT, 2007. v. 1. p. 1-13.

PAIVA, C. V. Do local ao global, imagens do Nordeste na idade média. Uma antropológica da ficcionalidade brasileira. Trabalho apresentado no GT de Ficção Televisiva Seriada no **XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Brasília, 2006.

SAFFIOTI, H. I. B. Rearticulando gênero e classe social. In: Costa, A. O. ; Bruschini, C. (Orgs.). **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, NIPAS, Brasília, 1994.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, jul./dez. 1990.

_____ Prefácio a *Gender and Politics of history*'. In **Cadernos Pagu**, nº 3, 1994, Campinas/SP. p.11-27.